Daniel Jonas

BISONTE

ASSÍRIO & ALVIM

poesia inédita portuguesa / 152

BISONTE

Bisonte
Daniel Jonas

Publicado em Portugal por
Assírio & Alvim
www.assirio.pt

© Daniel Jonas
© Porto Editora, 2016

1.ª edição: Abril de 2016

Assírio & Alvim é uma chancela da
Porto Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.**portoeditora**.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 407478/16
ISBN 978-972-37-1893-5

SEJA ORIGINAL!
DIGA NÃO À CÓPIA
RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR

A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Daniel Jonas

BISONTE

ASSÍRIO & ALVIM

FLORES

I

Tudo isto me parece terrível.
Todas estas flores de que não sei o nome
parecendo trepar pelo ar, suspensas no equilíbrio de Satã,
deformadas, varicosas, impudentes,
cacarejando na noite.
Eu, acoitado, encarando-as à meia-noite,
figuras espectrais, abortivas,
viciosas a cada centímetro do seu talo.
A flora demencial que neste pátio assoma
interpela-me, alguma coisa tem comigo.
Só a tosse, súbita, de dentro me encoraja
atravessando a janela do quarto.
São estilhaços da voz amada,
meu emblema contra a raiva fria
de todos os dias e deste ainda,
um escudo santo
contra as invectivas de Lúcifer.

Que todos me desamparassem
não o choram estas estranhas, antes
rubricam tortuosas como epicentros

do galo.
Não poderei ir atrás do tempo
por entre os meus dedos escoado:
cada dedo pelo menos um remorso maior
no meu ábaco de angústia.

O que estas flores e estas folhas me dizem
é ainda outra coisa. Nas suas saias de varas
um modo de se estar preso
na contrição inapelável do *fait accompli*.
São ainda exosqueletos, a artrite ágil
disseminada, dessedentada.

Lá mais ao longe espanta-espíritos
pascem: o rebanho de Satã,
uma nuvem de dúcteis trevas,
fantasmas combalidos
de cordeiros
arrancados ao Pai.
Agora estes são cajados:
forma torpe de sede.

II

Esperastes-me, flores.
Insaciáveis mas pacientes
como alguém sabendo-se intocado

pelo falso avanço do tempo,
indómitas nos vossos nervos secos
dispersando-se apenas ilusoriamente
para tentaculares permanecerdes irrepreensíveis
na ilusão imóvel da vossa depredação.
Mostrais-vos superadoras
do mais ínfimo estado
com os vossos nódulos frios
e a vossa água paralisada.

À distância
o cerro invário,
o badalo da devastação da música,
todas estas não caducas sombras.
Esta espera não me servirá.
Os meus dias diante de mim inúteis.
A minha bela criança dorme
a meu desfavor.

ESCARPAS E ÉOLO

O vento acoita-se nas cigarras:
estas transformando harpas eólicas
numa sensação monomaníaca,
motosserra em surdina.
Os grandes vermelhos entram
na terra
debruçados no repentino
azul.

Um suicida passa
do sangue ao céu
no sentido precípite descendente.
O olhar cai primeiro.
As ravinas não amortecem o amor
caído: antes desfralda-se como uma gaivota
mas sem pano
uma desamparada queda o convida
ao céu rugoso de baixo.

As cigarras são a última
paragem

dos seus sentidos
antes de a língua morder
o vento puro.

FLÚMEN

O tranquilo lago, o largo lago
depois do corpo:
um biface em rechaços de vento
projectado
num lapso entre nenúfares.

A cobra d'água cuidará
caído um corpo
lançando o seu corso

à quase superfície
fugaz e estéril
do barro liquefeito.

A argila marginal
maquilhará o náufrago,
o espírito entre os juncos:

um pano desfraldado, um balão
inchado
como se de vento submerso.

BREJO

Na sua camuflada paciência,
a rã no charco:
tu não a vês.

Os olhos
duas bolhas
de uma botija inflamável.

Coração do lago,
a rã ameaça
deflagrar.

ESPIRAS

O vento requebra.
O silvo no bambu racha.
Riscado o zângão.

PAR MÍNIMO

O grilo
é o par mínimo
do grito

O MELRO

Pela noite furtivo
quase
escapava o melro

não fosse delator o seu bico

de mais ansioso pelo sol
traí-lo
na minha rusga distraída.

ALGUMAS AVES

Algumas aves: colhereiro, papa-ratos, garçote
invernantes raros
palustres, anónimos do tempo.
Quem as vê
senão a espera que de tudo abdica

açudes, pauis, arrozais

os dois olhos binoculares
alguma cegonha-preta
que com eles se cruze
que com eles cruze

o anonimato dos céus
rumo a um estuário
— pois até uma ave deve pousar.

Cautela crustáceos, anfíbios, moluscos!
Os bárbaros cavalgam os céus.
As nuvens em fiapos.
O pôr do sol sangra.

ÍNDICE

Flores 7
Escarpas e Éolo 10
Flúmen 11
Brejo 12
Espiras 13
Par mínimo 14
O melro 15
Algumas aves 16
Gansos 17
Totem 19
Ferrugem 20
Altas frequências 22
A partir de Respighi 23
Às pinhas 25
Lenha 29
Como o apicultor 31
O vento 33
Deslocação das nuvens 34
Em viagem 46
Volutas 47
Oblívio 50
Por Cracóvia 54
Cavalos 55

Catedral 57
Baldio 58
Banco de jardim..... 59
A um corcunda..... 63
Seagram Murals..... 65
Hopper no café 66
Par mínimo II..... 67
Dos fuzilamentos da montanha do príncipe Pío 70
A tua memória é uma dor constante..... 74
Inerte..... 77
A cocção..... 82
Composição a negro e cinzento 85
Estudo a cinza..... 86
Rugas..... 88
O vento chora pai 89
A casa despida..... 91
Sofá-cama..... 92
Alto relevo 94
Quarto severo..... 95
Estações 97
Um pressentimento 98
Ele conspira e é quase..... 99
Método científico 101
Comédia..... 103
Obitué..... 104
Nem mestre nem mastro..... 106
Amendoins 107
Ao ler os poetas 108

Espremi um mirtilo 110
Manhã seguinte 111
Aula de natação 112
Dies irae 114
A ponte 116
Sauna 117
Ele pensa o horizonte e cogita a dissolução 118
Caravana e estepe 120
Devem ser as hormonas 123
O cansaço do canto 126
Żubrówka 127